



GT 41. Etnografia nas cidades e narrativas imagéticas

Coordenador(es):

Jesus Marmanillo Pereira (UFMA - Universidade Federal do Maranhão)

Cornelia Eckert (UFRGS)

As cidades em suas complexidades e contradições, suas transformações e suas crises, suas dinâmicas e diferenças são questões antropológicas que receberam importante atenção nos estudos etnográficos. Pesquisas que ao portarem atenção aos antagonismos, aos conflitos e segregações consolidam a prática antropológica e produzem um profícuo debate com base em etnografias urbanas. Elas sinalizam a desnaturalização de realidades sociais, violências, injustiças, discriminações, e disjunções que marcam tais cenários. Não raro, focalizam-se sobre as formas de sociabilidade, os códigos de emoções, as redes de solidariedade, os lugares de identidades e sobre os nós de memórias nos espaços e nos tempos vividos pelos cidadãos, nas territorialidades de convívio ou de pertença. Ao atentarmos para estas produções, percebemos a recorrência à produção de narrativas imagéticas a partir de diferentes suportes como fotográficos, videográficos, fílmicos, sonoros, desenhos e performances. Produção que constitui a estética e estilística da etnografia, e que circula em outras formas relacionadas à pesquisa antropológica: exposições fotográficas, mostras fílmicas, expressões artísticas, audições, em redes sociais online e na web. Buscamos pesquisas que reflitam sobre o urbano, a partir de etnografias que dialoguem com tais representações imagéticas, que apontem para as relações de poder, configurações no campo de pesquisa, memórias e a complexidade das urbes nos diferentes contextos, locais e global.

Cinemas do interior: memórias compartilhadas na rede mundial de computadores

Autoria: José Muniz Falcão Neto (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Os cinemas no vale do mamanguape, região localizada no litoral norte da Paraíba, foram bastante presentes na vida dos interioranos durante décadas. Dois são os maiores e principais cinemas desta região que projetaram filmes em bítolas de 35mm, Cine Teatro Eldorado (1965-1989) e o Cine Teatro Orion (1944-1988), respectivamente, localizados nas cidades de Mamanguape-PB e Rio Tinto-PB, municípios compostos por indígenas Potiguara e pequenos trabalhadores rurais, que iniciam sua urbanização/modernização com a instalação da Fábrica de Tecidos Rio Tinto em 1917, a imigração de trabalhadores à Fábrica, construções de casas e prédios públicos e a entrada dos grandes cinemas com as imagens dos antigos filmes exibidos que apresentaram um novo mundo até então desconhecido por parte desta população. Apesar do fechamento destes antigos cines, os espectadores/moradores dessas duas cidades, revivem e rememoram as antigas experiências através de novos aparelhos (Tv's, computadores e celulares) e plataformas (Facebook), dando continuidade as suas memórias cinematográficas, apresentando as influências do cinema e dos antigos filmes nas suas vidas cotidianas. Partindo da pesquisa de mestrado intitulada Etnografia das memórias cinematográficas no vale do mamanguape-PB (2019), este artigo abordará uma das metodologias adotadas no work com as memórias coletivas (HALBWACHS, 2003) e os cinemas (HIKIJ, 2012; CANEVACCI, 1990), as recepções fílmicas dos antigos espectadores e trabalhadores dos Cines Orion e Eldorado. Assim, portanto, discutirei o sub-capítulo intitulado Memórias compartilhadas, apontando a etnografia (HINE, 2004) trabalhada na coleta fotográfica e na captura de print's dos antigos filmes e comentários postados na plataforma Facebook relacionados aos antigos filmes e os antigos cinemas. O objetivo é demonstrar o rendimento do conceito de mimesis (BENJAMIN, 1996, 1955; TAUSSIG, 1993) na análise do compartilhamento das imagens dos antigos filmes na rede mundial de computadores. Nessa direção a etnografia das memórias associadas às salas de cinema leva também a refletir sobre o conceito de duração (ECKERT; ROCHA, 2001).



Diferentes narrativas imagéticas surgem, assim, em meio à urbanização e modernização dessas cidades no século xx.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: